

Nick Couldry: do mito do centro mediado ao esvaziamento do mundo social – as mídias e o processo de datificação da sociedade

■ *Nick Couldry: from the mediated centre to the hollowing out of the social world – the media and the process of datafication of society*

Entrevista com NICK COULDRY^a

London School of Economics and Political Science, Departamento de Mídia e Comunicações.
Londres, Reino Unido

Por BRUNO CAMPANELLA^b

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Niterói – RJ, Brasil

NESTA ENTREVISTA DADA pouco antes da conferência proferida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), em maio de 2019, Nick Couldry reflete sobre suas pesquisas dos últimos 20 anos, em especial sobre a contribuição da mídia para a ordenação social. Embora esse tema estivesse implícito em seus trabalhos iniciais sobre rituais e mitos, Couldry explica nesta conversa como a proliferação dos dados na sociedade contemporânea torna esta discussão mais complexa e urgente. Para o pesquisador inglês, a datificação da sociedade deve ser entendida não somente como um desenvolvimento do capitalismo, mas também como o começo de uma nova fase na história humana que rivaliza em sua importância com o surgimento do colonialismo histórico.

MATRIZES: Em sua palestra na semana passada no Rio de Janeiro, durante o II Congresso TeleVisões realizado na Universidade Federal Fluminense (UFF), você apresentou algumas das principais questões que conduziram seu trabalho nos últimos vinte anos. Desde suas pesquisas sobre a televisão, até seus trabalhos mais recentes sobre a datificação, você ofereceu uma visão privilegiada de suas investigações em todos esses anos. Que linha, no seu entender, conecta todas essas obras?

Nick Couldry: Bem, sempre estive interessado no poder e, particularmente, no poder simbólico – ou, de maneira mais direta, na capacidade das

^a Professor de Mídia, Comunicações e Teoria Social no Departamento de Mídia e Comunicações da London School of Economics and Political Science. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8233-3287>. E-mail: n.couldry@lse.ac.uk

^b Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4040-3472>. E-mail: brunocampanela@yahoo.com

instituições, talvez também dos governos, de descrever mundos, nomear o mundo, construir o mundo. E há vinte, 25 anos, isso me pareceu o aspecto fundamental das instituições de mídia, sobre as quais ninguém falava – exceto como algo tão óbvio que não seria necessário falar. Costumávamos dizer que “a mídia é uma janela para o mundo...” ou coisa parecida – e para mim sempre foi um fato muito estranho que, nas sociedades, a capacidade de contar histórias seja distribuída de forma tão desigual, tão fortemente concentrada em um pequeno número de instituições que nos dizem como o mundo é, sem a maioria das pessoas jamais reconhecerem esse poder. Por que as pessoas aceitam isso? Por que as pessoas aceitariam uma desigualdade tão massiva em algo tão fundamental, que é a capacidade de descrever ou, como disse Paulo Freire, nomear o mundo? Isso é o que deu início à teoria sobre o poder da mídia, no meu primeiro livro (Couldry, 2000), e depois evoluiu para a teoria dos rituais, no meu segundo livro (Couldry, 2003).

E o que descrevemos no Rio, conforme a teoria evoluiu, é que ela teve de enfrentar um grande obstáculo, o desafio das profundas mudanças nas próprias instituições de mídia. Em primeiro lugar, a mudança de um mundo com um pequeno número de canais de televisão e rádio, jornais e assim por diante, para um mundo de internet em expansão, com acesso mais e mais rápido – que as pessoas começaram a enxergar como natural –, também com diversas fontes novas de informação, e muitas novas possibilidades para as pessoas, ao que parecia, contarem suas histórias para o mundo, no início dos anos 2000. De repente, a mídia parecia estar democratizada. Isso mudou a concentração do poder simbólico na mídia? Isso é o que especulei em meados dos anos 2000. Então comecei a perceber: não, isso não aconteceu. O que significou foi que a luta pelo poder concentrador entre as organizações de mídia, como as empresas de televisão, se tornou mais intensa. Por isso, era ainda mais necessário a essas instituições dizer a você para continuar assistindo, continuar acompanhando, e para isso elas podiam até usar as mídias sociais que se desenvolviam, para encorajar as pessoas a assisti-las.

E, claro, não eram apenas as empresas de mídia que queriam isso, os governos apoiam-se no fato de existir algum lugar onde assistamos. Eles poderiam confiar nisso – caso contrário, qual seria a alternativa para a política? Não haveria lugar para os governos enviarem suas mensagens para nós. E, lembrando José Saramago, que, em um romance chamado *Ensaio sobre a lucidez* [*Seeing*, em inglês], descreve um mundo no qual de repente ninguém vota, ninguém está assistindo a nada, o governo não sabe mais se comunicar, o governo não sabe mais o que é governo. Esta é uma situação impossível para o governo e,

portanto, ele precisa da mídia. Desse modo, o que concluí na primeira fase do meu trabalho foi que o mito, o que se costumava chamar de mito do centro mediado, o mito de que existe um centro da sociedade ao qual a mídia tem um acesso especial, não desapareceu com a internet, mas tornou-se cada vez mais essencial renová-lo, disputá-lo, por parte dos governos, mercados e empresas de televisão.

Mas então um novo desafio veio com a emergência das plataformas de mídia social e o fato de nossos telefones tornarem-se cada vez mais *smartphones*, não apenas meios para falar com pessoas, mas de conectar diretamente nossos telefones ao mundo da informação e enviar nossos próprios dados informacionais. Isso possivelmente desafiou de maneira muito mais fundamental o mito do centro mediado, porque criou a possibilidade de imaginar um centro diferente, o centro do mundo que experimentamos quando nos conectamos com nossos amigos, enquanto percorremos a cidade, vendo o que estão fazendo, vendo o que estão vendo, ouvindo o que estão pensando. Parecia haver um novo centro, mas quando você pensa na ideia de que o nosso *nós*, daqueles que conhecemos literalmente em seu estado natural, conectando-se por meio dessas plataformas, são em si um mito, um outro mito, um que eu chamo de *mito do nós*, no qual novos tipos de instituições – as empresas de mídia social e aquelas que se beneficiam de seus dados – precisam dele para se manter, e continuam a se manter porque nos dizem que todos nós devemos estar conectados.

Uma das primeiras coisas que vi quando desembarquei no Brasil foi uma série de anúncios da Samsung, a empresa coreana, descrevendo um telefone, uma geladeira, um computador, claro, e muitos outros objetos [como algo] “*sempre conectado*”. Isso é o que importa. Assim, o mito de que, estando sempre conectados, fazemos apenas o que queremos, temos a vida que queremos, estamos com as pessoas que queremos estar, nossa família, nossos amigos, é o nosso novo e essencial *mito do nós*, baseado em nossas novas ideologias de conexão.

Mas havia ainda um estágio final pelo qual tinha de passar, a questão da compreensão dos dados. Por volta de 2012, 2013, por meio do trabalho de campo que estava fazendo em torno das narrativas de histórias, percebi o profundo impacto que a coleta e o processamento de dados estavam tendo em todos os atores do mundo social, incluindo a sociedade civil e as instituições. Esses atores só queriam contar as histórias das pessoas ao seu redor e lhes dar voz, mas, ao mesmo tempo, tinham de traduzir o que faziam em dados, análises de plataformas *web* e assim por diante. E foi aí que comecei a examinar mais detalhadamente o impacto da coleta de dados no mundo social, em como ela estava traduzindo, forçando uma tradução do fluxo da vida cotidiana em medidas específicas, coisas que podem ser contadas, e que, ao serem contadas, podem

ser agregadas, colocadas em dados, os quais podem, então, ser processados. Isso parecia algo comumente banal, uma coisa que sabemos que acontece em todos os lugares e com a qual estamos todos acostumados, mas que também é bastante profunda, alterando o que é o mundo social. Esse não é mais algo que simplesmente vivemos, que sentimos juntos, que emerge e surge de como interagimos, torna-se algo que precisa ser processado. As entidades que fazem o processamento são as corporações e seus vastos arsenais de computadores dos quais elas dependem.

Assim, nesse ponto percebi que meu interesse pelo poder simbólico, o poder de nomear o mundo, estava chegando a uma nova fase, a de entender como novas formas de nomear o mundo estão emergindo por meio dos dados. Foi aí que comecei a me interessar por novas relações de poder, e isso me conduziu ao meu trabalho mais recente, em torno do colonialismo de dados.

MATRIZES: Há um trabalho importante, no entanto, que foi deixado de fora da sua apresentação, o seu livro *Why voice matters* (Couldry, 2010). Você não acredita, porém, que a capacidade de se ter a voz ouvida nunca foi tão importante como hoje, quando a vida social acontece principalmente em plataformas estruturadas por lógicas neoliberais que permitem certos tipos de interações e não outras?

NC: Bem, sim, você está certo. Sempre tentei escrever sobre mídia e sobre cultura – embora a maioria dos meus livros acabe sendo sobre mídia. Então, sempre me interessei por estudos culturais, pelo menos no projeto dos estudos culturais, uma forma de conhecimento crítico genuinamente transformador que entende o mundo de uma maneira diferente, mais profundamente democrática. E esse interesse me levou, em 2010, a escrever o livro *Why voice matters* [Por que as vozes importam] (Couldry, 2010), que foi uma resposta à ascensão do neoliberalismo e ao seu efeito na política britânica, estreitando os valores democráticos após a guerra do Iraque em 2003. E, lá, não queria celebrar a voz, exatamente porque todo mundo celebra a voz, todo mundo quer falar, o político populista antidemocrático mais racista quer voz, a dele ou dela, a de seus partidários ou partidárias, e eles querem que seja forte, todos são a favor da voz. Então, o que realmente importa não é a voz em si, mesmo que ela seja fundamental para a vida humana valer a pena, mas as organizações das sociedades de maneira que a voz seja importante, que a voz de todos tenha uma chance de ter relevância.

Meu título original para o livro era *Voices that matter* [Vozes que importam], não *Why voice matters*. Esse teria sido o meu título preferido, *Voices that*

matter. Então, quando pensei nisso, percebi que este é um tópico muito negligenciado: como poderíamos reorganizar a sociedade com seriedade de forma que a voz importasse? E quando você faz essa simples pergunta percebe que a maior parte da sociedade, das instituições, é organizada de modo que, mesmo elas fingindo ser democráticas, na verdade, asseguram que a voz não importe, que esse poder possa continuar operando como quiser. Então, a partir dessa perspectiva, a ascensão do populismo tecnológico [e], mais recentemente, de formas extremas de voz no âmbito político, as quais na verdade se baseiam em calar vozes de parcelas da população, não é uma surpresa. É a continuidade do emudecimento de muitas vozes no neoliberalismo, no qual as forças do mercado são consideradas mais importantes do que a democratização.

Desse modo, a questão para os dias de hoje é: existe algo em particular que a era da coleta de dados e da mídia social acrescenta a este mundo assustador, em que a voz é celebrada por alguns políticos, mas na verdade é negada? Avalio que, potencialmente, há algo importante, que em um mundo no qual todos parecem ter voz, todo mundo parece estar, o tempo todo, falando com todos, torna-se muito difícil separar os momentos nos quais a voz é importante, em que a voz realmente faz diferença, em que se tem uma conexão genuína com alguém que transforma as possibilidades de viver e agir juntos. Em outras palavras, quando a voz torna uma solidariedade real possível, naqueles momentos nos quais temos a ilusão de solidariedade, provocada pelo fato de todos estarmos falando uns com os outros. Dito de outro modo: as condições de uma genuína política transformadora tornam-se mais difíceis de enxergar em um contexto em que todos parecem estar falando. Então, temos esse paradoxo: vivemos em um mundo no qual todos parecem ter voz, todos parecem mais empoderados, embora estejam menos, com menos clareza sobre para onde ir, com quem trabalhar, com quem encontrar solidariedade a fim de construir uma sociedade melhor, talvez até mesmo para preservar a possibilidade da democracia. Assim, esses são tempos confusos, e acredito que precisamos de teoria social, precisamos de pesquisa de comunicação mais do que nunca, e, claro, precisamos de voz verdadeira, uma chance genuína de ter nossas vozes mais valorizadas do que nunca.

MATRIZes: É possível defender que, talvez, os dois maiores desafios que temos pela frente no século XXI estejam relacionados ao aquecimento global e à destruição de ambientes naturais, por um lado, e a colonização da vida por lógicas de datificação, por outro. Ambos os problemas são extremamente difíceis de lidar, pois estão na base da expansão capitalista; eles estão presentes no substrato de como conduzimos nossa vida cotidiana. Como podemos tentar envolver a sociedade para lidar com esses desafios de maneira concreta?

NC: Eu adicionaria um terceiro. Creio que hoje há três grandes batalhas: obviamente, salvar o planeta. Em segundo lugar, a ameaça à liberdade humana e a qualquer possibilidade de democracia por meio da colonização de dados, tema deste novo livro escrito com Ulises Mejias, o qual sairá este ano, chamado *The costs of connection* (Couldry & Mejias, 2019). Mas, em terceiro lugar, também a violência de gênero e a violência sexual, que, de certa forma, é a base da organização de importantes dimensões da sociedade, mas chegou ao ponto em que sua intolerância é clara para mais e mais pessoas, deixando de ser aceita pelas mulheres em muitos países. E o resultado tem provocado uma reação contrária, desta vez de forças conservadoras contra os direitos das mulheres, das minorias sexuais e das minorias raciais que conquistaram vitórias ao longo de trinta, quarenta anos.

Então, apenas para resumir este triângulo como o vejo. Assim, a crise ecológica provoca a reação daqueles que querem negar a verdade, porque eles ainda estão ganhando dinheiro com o velho estilo de vida. O colonialismo de dados está começando a se tornar um problema e está criando uma *tecnorreação*, uma reação das pessoas que se preocupam com sua liberdade. A violência de gênero está criando... Não temos uma palavra para isso, mas é uma espécie de reação das forças conservadoras que querem reverter cinquenta ou até cem anos de história de maior empoderamento social, maior justiça, especialmente justiça para as mulheres. Eles querem reverter tudo isso.

Desse modo, temos três conflitos massivos acontecendo ao mesmo tempo, mas todos estão competindo por atenção neste mundo massivamente intenso, no qual todos podemos nos observar o tempo todo, em teoria, quer saibamos ou não, e em que todos podemos falar em todos os momentos.

O que é essencial nessa circunstância muito difícil e complexa, em primeiro lugar, obviamente, está a partilha de informação, a partilha de informação verificada – o jornalismo. Os valores do jornalismo público tornaram-se absolutamente essenciais para serem defendidos, embora a economia do jornalismo esteja agora sob ameaça, em parte por causa desse fluxo avassalador de informações, de modo que as informações se tornam muito baratas, fáceis demais. A informação de qualidade tem um preço muito alto, torna-se muito difícil de produzir, então precisamos pensar em maneiras de os seres humanos trabalharem juntos e gerarem recursos, apoiarem o jornalismo e vincularem isso à luta social, isso é uma coisa a ser feita. Assim, a informação ainda pode ser preservada e as informações confiáveis podem ser sustentadas. Agora, isso é enormemente difícil, por causa dessa, por assim dizer, tempestade massiva no domínio do conhecimento e da informação.

Em segundo lugar, as pessoas, é claro, precisam encontrar formas de solidariedade, precisam se unir àqueles que pensam da mesma forma, apesar desse mundo de tremenda confusão. Algumas vezes, naturalmente, têm de fazê-lo por meio das plataformas de mídia social, em torno das quais a maioria das pessoas, particularmente aquelas com filhos, agora têm de organizar suas vidas. Não podemos negar a importância dessas plataformas. Em meu novo livro com Ulises Mejias, a última coisa que queremos sugerir é que as pessoas devem abandonar as plataformas justo agora, enquanto há uma crise tão urgente contra a qual reagir – isso não seria realista. Isso cria um novo desafio, o de como pensar em possibilidades de solidariedade e conexão de uma nova maneira. E concluímos o nosso livro defendendo que as pessoas não deveriam abandonar as plataformas de mídia social, renunciando repentinamente a toda conexão com o mundo, mas que deveríamos pensar seriamente sobre as formas como nos conectamos, quais coisas práticas podemos fazer, não enquanto indivíduos – pois um indivíduo não pode fazer nada em relação a um mundo inteiro, isso é impossível –, mas por meio da solidariedade, apoiando uns aos outros. Como nos ajudarmos mutuamente a nos tornarmos menos dependentes, não em relação à conexão, porque conexão é fundamental para a vida humana, mas quanto a esses termos de conexão, essas condições. Como, então, podemos ajudar uns aos outros a nos tornarmos menos dependentes? Esse é um projeto massivo.

Mas, é claro, sabemos que é possível porque era possível antes de as plataformas de mídia social existirem, e isso foi há apenas quinze anos, por isso sabemos que deve ser viável. Assim, a ideia de que não o é não passa de outra ficção, mas uma que decorre da ideologia do colonialismo de dados, a qual diz que a direção da mudança é inevitável, ou seja, há uma direção a seguir, devemos ficar na estrada, senão não existimos. E nosso argumento no final do livro é que, embora a ideia do caminho do colonialismo de dados tenha força esmagadora enquanto caminho para o futuro, há um espaço ao lado da estrada. Podemos sair da estrada, podemos olhar em volta, podemos ver quem mais está lá e podemos começar a imaginar um mundo diferente em alguma direção que ainda não conhecemos, que não se baseia nesses termos e condições. É isso que temos de encontrar, mas o primeiro passo tem que ser a imaginação.

Se desistirmos de nossa imaginação como seres humanos, então não teremos chance. Ou, como disse Paulo Freire, se desistirmos da capacidade dos seres humanos de nomear o mundo, o que significa renomear o mundo, lutar, dar outro nome, nomear uma realidade diferente, então não temos chance de lutar contra isso, apenas aceitamos a jornada ao longo da estrada já determinada. Mas não creio, realmente não acho que as pessoas querem isso, realmente não acho

que as pessoas querem ir nessa direção. Elas precisam colocar o problema e isso é responsabilidade da universidade, dos acadêmicos e dos intelectuais públicos e daqueles na sociedade civil. É nossa responsabilidade fazer a pergunta, fazer esses questionamentos às pessoas, dar a elas uma chance de falar sobre essa questão fundamental para o futuro da humanidade.

MATRIZes: Considerando que o seu próximo livro, *The costs of connection* (Couldry & Mejias, 2019), escrito com Ulises Mejias, aborda as novas formas de colonialismo, acredita que ele pode ter uma ressonância especial no Brasil ou na América Latina em geral?

NC: Esperamos que sim. Ulises é do México, e eu estou muito interessado na América Latina. Aprendi espanhol para entender a história, a literatura e a produção acadêmica da América Latina. Também estou tentando aprender um pouco de português e já consigo ler um pouco. Então, certamente esperamos que sim. E, no livro, nós realmente fazemos um grande esforço para utilizar, não somente teóricos ocidentais, mas também teóricos de outras partes do mundo, particularmente, da América Latina. Então, citamos filósofos como Enrique Dussel, da Argentina e México, e o sociólogo Aníbal Quijano, do Peru, e, claro, Paulo Freire, e Ivan Illich, o grande reformador originário da Áustria, mas que viveu grande parte de sua vida no México. Assim, tentamos honrar aqueles teóricos, mas mais profunda e fundamentalmente, sim, nós, de fato, esperamos que o livro tenha uma ressonância na América Latina, zona experimental onde o colonialismo, o colonialismo histórico que ainda hoje continua de alguma forma, começou a adquirir sua forma mais intensa a partir da década de 1490.

Mas, ao usar a palavra bastante forte *colonialismo* para capturar a escala, a profundidade, a intensidade das mudanças que estão ocorrendo hoje e sua importância histórica mundial, não esquecemos ou subestimamos as características especiais do colonialismo histórico, particularmente como elas são lembradas por aqueles que mais sofreram, incluindo todos os que vivem na América Latina, pois as sociedades foram formadas por meio do colonialismo. E houve, é claro, a terrível violência física do colonialismo histórico, violência inimaginável, em escala e intensidade inimagináveis, agravada pelo fato de as pessoas terem passado a acreditar que os que estavam sendo mortos, retalhados e queimados não eram seres humanos. Primeiro, eles [os colonizadores] pensaram que eram, que [os povos indígenas] poderiam ser cristãos em potencial, mas se convenceram de que não, e que, não sendo seres humanos, “podemos [os colonizadores] fazer qualquer coisa”.

Então, a violência e, claro, o racismo, o qual estava ligado à crença necessária de que esses não eram humanos gerou toda uma hierarquia racial. Isso evoluiu com o tempo, e agora nos lembramos intensamente disso como a ferramenta utilizada para que o colonialismo pudesse ser consolidado. Assim, nossa pergunta é: o que era fundamentalmente o colonialismo se as ferramentas que ele utilizava, a violência, a violência extrema e o racismo – que destroçavam o mundo – não eram [vistas como] um problema? Em sua essência, mesmo não sendo isso o que lembramos, o colonialismo foi a tomada de coisas, a apropriação, a surpreendente mudança na história humana, quando, repentinamente, uma parte do mundo, a Europa, percebeu que tudo no mundo poderia ser tomado, tudo estava lá para você se vivesse na Europa, tudo, sem limites, [é algo] inimaginável. E que [a terra] estava lá apenas para ser tomada e talvez leis pudessem ser inventadas para isso parecer legal. E, claro, foi o colonialismo, essa mudança na ideia do que o mundo era, que gerou enormes e extraordinários lucros, os quais se tornaram inteiramente legais, porque novas estruturas legais foram inventadas para fazer parecer legal. Isso levou, mais tarde, dois séculos depois, à Grã-Bretanha adquirir a Austrália. A Grã-Bretanha a chamou de *Terra nullius*, terra de ninguém, pois não havia ninguém lá, exceto as populações aborígenes, a quem podiam ver, mas não consideravam como humanos.

Assim, essa ideologia, originalmente espanhola, e depois portuguesa, se difundiu para apoiar uma causa e um movimento colonial internacional, responsável por transformar as economias do mundo e tornar possível o capitalismo. Portanto, nosso argumento é que provavelmente o que está acontecendo hoje com os dados rivalize com esse colonialismo histórico, não em termos de violência, ou em termos de racismo, por enquanto, mas de apropriação de recursos, de construção de novas relações sociais, da reestruturação de sociedades inteiras com base na aquisição de um novo recurso, que são os dados, os seres humanos, a tomada de todos os aspectos interiores da vida humana de todos no planeta, sejam eles americanos, chineses, ou da sociedade britânica ou brasileira, e transformá-los em valor econômico através de processamentos de dados baseados em um poder computacional imenso.

Muitas pessoas pensam que isso é uma distração. Isso por causa das terríveis lembranças do colonialismo, da violência física e do racismo, os quais não negamos nem por um momento. Mas é apenas uma distração se você não enxergar através dessas lembranças terríveis para lembrar o que era o colonialismo em seu núcleo, o qual dizia respeito à captura de recursos. Então, o que vemos hoje é sobre a captura de recursos, não apenas a tomada de mais [recursos], conforme o capitalismo se expande – claro, ele está sempre se expandindo – mas a tomada de algo fundamentalmente diferente, algo que até

trinta anos atrás nem o presidente da IBM (International Business Machines Corporation) ou a maior empresa de petróleo nunca poderiam imaginar que estava lá para ser tomado: a própria vida humana. Mas agora é possível tomar, é imaginável. Temos que captar essa mudança muito profunda; e há apenas um presságio tão extraordinário na história: o começo do colonialismo histórico, o colonialismo moderno, que fez a era moderna, como diz Aníbal Quijano, que possibilitou a modernidade.

Portanto, esperamos que as sociedades latino-americanas, tão profundamente moldadas por lutas de colonialismo, por lutas pela busca de modernidades alternativas, apesar de tudo, a despeito dessa história, sejam sociedades nas quais haja um público interessado no que estamos discutindo, ou seja, na transformação que está acontecendo hoje, não apenas na América Latina, mas na Europa, na América do Norte, na África, na Ásia, em todos os lugares.

MATRIZES: A questão do poder midiático que atravessa seu trabalho está sendo abordada por você, um sociólogo da mídia, que tem uma preocupação com a ordem social, a ritualização etc. Como um acadêmico interessado em estudos culturais pode se engajar nessa discussão?

NC: Essa é uma pergunta muito boa, porque pode parecer a alguns que essa conversa sobre plataformas de tecnologia esteja muito distante das tentativas das pessoas de compreender o mundo, de suas alegrias, prazeres musicais e assim por diante. E isso pode estar invalidando os estudos culturais, mas não acho que seja verdade – se voltarmos aos primórdios dos estudos culturais na obra de Raymond Williams, Stuart Hall ou, é claro, na América Latina, na qual não houve, oficialmente, estudos culturais, mas que, mesmo assim, foi profundamente influente em sua versão alternativa destes. Jesús Martín-Barbero, na Colômbia, e claro, os grandes autores da Argentina e do Brasil desenvolveram esse movimento para refletir sobre a cultura de maneira mais profunda, pensando sobre *lo popular* de forma mais sagaz. Todos esses movimentos estavam destacando algo essencial, não apenas o próprio significado, mas quem tem poder sobre o significado, que tipos de poder podem ser construídos por meio do controle do significado, do controle do espaço, o qual afeta como os significados fluem no mundo, quem pode falar, quem está em silêncio, aqueles cujas histórias importam ou não. Esse é o núcleo dos estudos culturais desde o início. Lembre-se da célebre afirmação de Raymond Williams de que não há massas, embora as elites falem o tempo todo sobre as massas, assim como ainda fazem hoje, elas falam sobre as massas, as pessoas estúpidas, os pobres. Não há massas, só há formas de falar das pessoas como massas. Desse modo, Raymond Williams destacou que, no âmbito de nossa compreensão da

democracia e da política, tem de haver uma compreensão da cultura, de quem controla o significado, de quem controla os modos de falar.

Por isso, no meu entender, se voltarmos às origens dos estudos culturais, devemos prestar atenção às novas transformações que estão ocorrendo nos modos de falar e nos modos de categorizar as pessoas no mundo. De certa forma, não importa o que aconteça aos estudos culturais como uma forma particular no mundo acadêmico, no final, essas são todas formas institucionais, todos entendemos isso. Mas, se formos ao espírito dos estudos culturais, então certamente deve haver uma aliança crucial entre aqueles que trabalham com estudos culturais hoje, aqueles que trabalham pela justiça de dados na ciência da informação, sociólogos preocupados com as novas formas de recrudescimento da pobreza por meio da categorização por algoritmos, sociólogos da saúde preocupados com as mesmas coisas, sociólogos educacionais bastante preocupados com o que está acontecendo atualmente com as crianças na escola, quando os brinquedos com os quais brincam são na verdade robôs que as vigiam... Deve haver um terreno comum entre isso e as lutas nos estudos culturais também. Então, espero que aqueles trabalhando com os estudos culturais vejam isso e tomem parte dessa batalha para pensar sobre essas lutas tão fundamentais hoje. ■

REFERÊNCIAS

- Couldry, N. (2000). *The place of media power: Pilgrims and witnesses of the media age*. Londres, Inglaterra: Routledge.
- Couldry, N. (2003). *Media rituals: A critical approach*. Londres, Inglaterra: Routledge.
- Couldry, N. (2010). *Why voice matters: Culture and politics after neoliberalism*. Londres, Inglaterra: Sage.
- Couldry, N., & Mejias, U. A. (2019). *The costs of connection: How data is colonizing human life and appropriating it for capitalism*. Stanford, CA: Stanford University Press.